

# **A IMPORTÂNCIA DO GRAFISMO NA ROTINA DA CRECHE E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Raissa Medeiros Frazão de Azevedo<sup>1</sup>

Adrielle de Moura Santos<sup>2</sup>

## **RESUMO**

O grafismo infantil é uma atividade pedagógica de grande importância para o desenvolvimento intelectual, emocional e social da criança, pois é por meio dele que surgem as primeiras expressões gráficas produzidas pelo ser humano, antes mesmo do contexto com o ambiente escolar. Também são mediante os desenhos que são representados os sentimentos, desejos, a imaginação e fatos vivenciados em sua vida. O presente resumo apresenta o resultado da análise da implantação de experiências pedagógicas que favorecem o grafismo infantil de maneira regular na rotina de uma creche municipal localizada na cidade de Rio Largo- AL. Ao considerar a importância do grafismo na Educação Infantil esta pesquisa teve por objetivo geral investigar os desafios e possibilidades do grafismo para o desenvolvimento das crianças do grupo etário de três anos. Os objetivos específicos foram analisar quais são os fatores relevantes no processo de desenvolvimento da criança por meio do grafismo e identificar sua contribuição para a aquisição da escrita. A pesquisa proposta foi de cunho bibliográfico e qualitativo, fundamentada por importantes teóricos, como Piaget (2010), Luquet (1969) e Vygotsky (2007). Buscou-se responder o questionamento: qual a importância do grafismo no desenvolvimento integral da criança durante a Educação Infantil? Pode-se concluir que os desenhos também são importantes fontes de conhecimento e excelentes maneiras de se trabalhar a grafia, pois por meio deles a criança é capaz de contar histórias enquanto desenvolvem a coordenação motora fina. Os resultados avaliados por meio de observações, registros diários, análise das narrativas e entrevistas com agentes da comunidade escolar indicaram aumento nas práticas educativas dialógicas e desenvolvimento significativo de habilidades criativas, preditoras e de motricidade fina entre as crianças. Contudo, quando utilizado de maneira sistemática e com intencionalidade, o desenho também possibilita que a criança desenvolva a sensibilidade, a percepção, a criatividade e a imaginação.

**Palavras-chave:** Grafismos, Desenho infantil, Educação infantil.

## **INTRODUÇÃO**

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, raissa.mfa2@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, adryelle2063@gmail.com;

O grafismo infantil representa uma das primeiras formas de linguagem expressiva da criança, constituindo-se como meio essencial para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Antes mesmo do ingresso no ambiente escolar, a criança manifesta, por meio de traços e rabiscos, suas percepções de mundo, sentimentos e desejos, traduzindo experiências internas em produções visuais. Assim, o ato de desenhar ultrapassa o caráter lúdico e espontâneo, configurando-se como um instrumento pedagógico que possibilita à criança comunicar ideias, representar vivências e construir significados sobre a realidade que a cerca.

A Educação Infantil, enquanto primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade promover o desenvolvimento integral da criança, assegurando-lhe experiências que estimulem a curiosidade, a imaginação e a sensibilidade estética. Nesse contexto, o grafismo assume papel de destaque, pois favorece a expressão criativa e simbólica, além de contribuir para a formação da identidade e da autonomia infantil. O contato regular com materiais riscantes, o uso de diferentes suportes e a valorização das produções infantis constituem práticas fundamentais para o desenvolvimento das habilidades motoras finas e das capacidades cognitivas relacionadas à linguagem escrita.

A presente pesquisa teve origem na observação das práticas pedagógicas de uma creche municipal localizada na cidade de Rio Largo – AL, onde se buscou compreender como o grafismo, quando inserido de forma intencional e sistemática na rotina, pode potencializar as aprendizagens das crianças pequenas. A justificativa do estudo repousa na necessidade de refletir sobre o espaço que o desenho ocupa nas práticas educativas e sobre como ele contribui para a construção do pensamento simbólico e para a ampliação da linguagem infantil. A análise dessa temática revela-se pertinente por fortalecer a compreensão do desenho como instrumento de mediação entre a criança, o outro e o mundo.

O objetivo geral deste trabalho consistiu em investigar os desafios e possibilidades do grafismo na rotina da creche e suas contribuições para o desenvolvimento integral de crianças do grupo etário de três anos. Como objetivos específicos, buscou-se analisar os fatores relevantes no processo de desenvolvimento infantil a partir do grafismo e identificar as relações entre as produções gráficas e a aquisição da escrita. Esses objetivos norteiam uma reflexão sobre o papel do educador

na proposição de experiências que estimulem a criatividade e a expressão gráfica das crianças em situações cotidianas.

A pesquisa, de natureza qualitativa e bibliográfica, fundamentou-se em referenciais teóricos clássicos e contemporâneos, entre os quais se destacam Piaget (2010), Luquet (1969) e Vygotsky (2007). Esses autores contribuíram para a compreensão do grafismo como manifestação do pensamento simbólico, mediado pela interação social e pela evolução das estruturas cognitivas. O percurso metodológico envolveu observações diretas, análise de registros e narrativas das crianças, além da coleta de informações junto às professoras responsáveis pela turma, buscando evidenciar as transformações observadas ao longo do processo.

Os resultados parciais apontaram que a sistematização de práticas com riscantes na rotina da creche favoreceu a ampliação das habilidades motoras finas, da imaginação e da autonomia das crianças. Verificou-se, ainda, o desenvolvimento do interesse espontâneo pela escrita e pela representação de letras associadas aos nomes próprios, demonstrando o vínculo entre o desenho e a linguagem. As produções gráficas passaram a refletir maior coerência simbólica, demonstrando avanços significativos na coordenação motora, na organização espacial e na capacidade narrativa dos participantes.

Dessa forma, compreende-se que o grafismo, quando integrado de maneira planejada às práticas pedagógicas, potencializa o processo de aprendizagem e o desenvolvimento global da criança. O estudo evidencia que o ato de desenhar é uma linguagem essencial que promove o diálogo entre imaginação e conhecimento, favorecendo a construção de saberes e fortalecendo a relação entre a criança e o meio em que vive. Assim, o grafismo deve ser reconhecido como elemento estruturante da rotina da creche, contribuindo para a formação integral e o protagonismo infantil.

## **METODOLOGIA**

O percurso metodológico da pesquisa foi um estudo de caso, de abordagem qualitativa exploratória e teve como finalidade proporcionar maior familiaridade do problema pesquisado. Essa pesquisa envolveu levantamento bibliográfico, observação das experiências realizadas no período de maio a agosto de 2024 e análise de desenhos de dezoito crianças da turma etária de três anos de uma creche municipal localizada na

cidade de Rio Largo-AL. Para responder a questão levantada, serve como objeto de investigação a observação da rotina das crianças, a análise dos planos de aula anterior e posterior a implantação das estratégias didáticas com riscantes, entrevista com as professoras da sala de referência e análise dos desenhos realizados pelas crianças.

Vale ressaltar que essa pesquisa se encontra em andamento, portanto, apenas algumas etapas serão explicitadas nesse resumo. As etapas de análise comparativa dos planos de aula e dados levantados dos resultados qualitativos das observações e entrevistas ainda estão em fase de aprofundamento.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O grafismo infantil, entendido como a primeira forma de expressão simbólica da criança, constitui uma linguagem essencial para o desenvolvimento integral. Segundo Piaget (2010), as manifestações gráficas revelam o pensamento representativo e simbólico que antecede a escrita, possibilitando à criança transformar o que observa e sente em signos visuais. Assim, o ato de desenhar ultrapassa o simples prazer estético, tornando-se um meio de comunicação, interpretação e reconstrução da realidade vivida pela criança.

Desde os primeiros traços, os desenhos infantis configuram-se como registros da evolução cognitiva e motora. Luquet (1969) descreve as fases do desenho infantil – do realismo fortuito ao intelectual –, evidenciando o modo como a criança progride na tentativa de representar o mundo. Cada garatuja ou forma irregular é carregada de significado, revelando o modo singular como o sujeito constrói o pensamento e organiza as percepções do meio. Por isso, compreender o grafismo é compreender o desenvolvimento da inteligência e da afetividade.

Vygotsky (2007) reforça que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores ocorre por meio das interações sociais mediadas pela linguagem e pela cultura. Nesse sentido, o grafismo, como uma forma de linguagem não verbal, é um instrumento de mediação que favorece a internalização de significados e o avanço das capacidades cognitivas. O adulto, ao dialogar com a criança sobre seu desenho, amplia o campo simbólico e contribui para o desenvolvimento da imaginação e da criatividade. A Educação Infantil, enquanto primeira etapa da Educação Básica, reconhece o brincar, o movimento e a expressão artística como direitos de aprendizagem. O grafismo,

inserido na rotina da creche, deve ser concebido como prática cotidiana e significativa, permitindo que a criança experimente diferentes materiais e riscantes. Essa abordagem está em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), que defendem a valorização das múltiplas linguagens como forma de expressão e comunicação.

A inserção do grafismo na rotina da creche contribui diretamente para o desenvolvimento da coordenação motora fina, fundamental à futura aquisição da escrita. O contato diário com lápis, giz, pincéis e outros materiais permite que a criança domine progressivamente os movimentos de preensão, pressão e direção, aspectos imprescindíveis para o traçado das letras. Além disso, o desenho estimula a concentração, a observação e o planejamento de ações, competências que repercutem em diversas áreas do conhecimento.

Do ponto de vista emocional e social, o grafismo também se revela uma poderosa ferramenta de expressão e autoconhecimento. Por meio dos desenhos, as crianças projetam sentimentos, desejos e memórias, comunicando o que ainda não conseguem expressar verbalmente. Quando o educador valoriza essas produções, estabelece vínculos afetivos e contribui para a formação da autoestima e da autonomia infantil. A escuta sensível do professor diante das manifestações gráficas reforça o papel do educador como mediador das experiências culturais.

No contexto pedagógico, cabe ao professor organizar ambientes que favoreçam a exploração gráfica, garantindo tempo, espaço e materiais adequados. A intencionalidade educativa deve nortear as propostas, respeitando o ritmo e o estágio de desenvolvimento de cada criança. Como destaca Vygotsky (2007), é na zona de desenvolvimento proximal que o adulto pode potencializar as aprendizagens, oferecendo desafios compatíveis com as capacidades emergentes. Assim, o grafismo torna-se um eixo estruturante das práticas que articulam imaginação, ludicidade e linguagem.

Portanto, o grafismo na rotina da creche não se limita a uma atividade artística, mas constitui um processo de construção simbólica que integra dimensões cognitivas, motoras, afetivas e sociais do desenvolvimento infantil. As contribuições teóricas de Piaget, Luquet e Vygotsky demonstram que o desenho é um instrumento de expressão e de aprendizagem, devendo ser sistematicamente valorizado nas práticas pedagógicas. Promover experiências gráficas regulares na creche é garantir à criança o direito de criar, comunicar e compreender o mundo que a cerca.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das observações realizadas na creche municipal de Rio Largo – AL foi possível constatar que o grafismo, quando inserido de forma contínua e intencional na rotina das crianças, promove avanços significativos nas dimensões cognitiva, motora, emocional e social. As experiências pedagógicas desenvolvidas respeitaram os direitos de aprendizagem e os eixos norteadores da Educação Infantil, contemplando atividades integradas a temas como contos de fadas, bichinhos de jardim, a magia das cores e invenções. As produções gráficas analisadas revelaram que, mesmo entre crianças de mesma faixa etária, há expressões singulares e trajetórias próprias no processo de criação, reforçando o caráter individual e evolutivo do desenho infantil.

No início da pesquisa, foi observado que algumas crianças apresentavam resistência à proposta de desenhar, expressando insegurança e frases como “não sei desenhar” ou “eu não consigo fazer isso”. Essas manifestações evidenciaram a falta de experiências sistemáticas com riscantes e uma visão limitada do desenho como simples reprodução do real. À medida que as propostas se tornaram frequentes, o ato de desenhar passou a ser visto pelas crianças como um momento prazeroso e criativo, favorecendo o desenvolvimento da autoconfiança e da imaginação. Esse processo evidencia que o grafismo é uma linguagem que precisa ser vivenciada com liberdade, mediação e intencionalidade pedagógica.

Em consonância com as observações realizadas, a teoria de Luquet (1969) auxilia na compreensão do desenho infantil como um processo evolutivo e cognitivo, e não como mera atividade lúdica. O autor destaca que as representações gráficas evoluem do realismo fortuito ao intelectual, revelando a forma como a criança interpreta o mundo e se posiciona diante dele. Ao observar os desenhos das crianças da creche, notou-se essa progressão: inicialmente os registros eram desordenados e sem relação simbólica clara; posteriormente, surgiram formas reconhecíveis e representações com intencionalidade. Essa transição confirma o caráter construtivo do grafismo como espelho do desenvolvimento intelectual e social.



**Figura 01** – Representação gráfica das crianças da turma do Maternal II após a contação da história “Cachinhos Dourados”



Em uma das atividades, após a leitura da história “Cachinhos Dourados”, foi solicitado às crianças que desenhassem personagens da narrativa. No início, surgiram traços simples e figuras sem proporção, mas com o tempo os desenhos passaram a incorporar elementos narrativos e simbólicos, demonstrando avanço na capacidade representativa. Um exemplo marcante foi o de Ícaro, de 3 anos, que afirmou: “vou desenhar a Cachinhos maior que o papai urso, para ela não ficar com medo”. Essa fala evidencia a dimensão simbólica do desenho como instrumento de elaboração emocional e narrativa, conforme propõe Piaget (2010) ao afirmar que o pensamento simbólico permite à criança evocar significados e construir representações complexas a partir de experiências concretas.

**Figura 02** – Desenho espontâneo da história Cachinhos Dourados e representação gráfica da letra M realizada pela criança Nicolly



Em outra situação observada, a criança Nikolly, de 4 anos, após desenhar uma personagem, acrescentou espontaneamente formas que associava ao próprio nome. Ao afirmar “meu nome parece com o nome da tia Michelle e eu já sei desenhar”, demonstrou a passagem do grafismo espontâneo para a escrita inicial. As garatujas que

representavam a letra “M” indicam a emergência da função simbólica da linguagem descrita por Piaget (2010), em que o desenho, o jogo e a escrita compartilham a mesma base cognitiva — a capacidade de transformar significantes em significados. Essa etapa, marcada pela imitação e pela simbolização, evidencia o amadurecimento das representações mentais e a aproximação entre o desenho e a escrita.

**Figura 03** – Representação escrita/desenho dos nomes próprios das crianças de 03/04 anos



A análise das produções também revela aspectos defendidos por Vygotsky (2007), que compreende o aprendizado da escrita como um processo socialmente mediado. À medida que o ambiente da creche foi reorganizado para incluir materiais riscantes e fichas com os nomes das crianças, observou-se um aumento expressivo nas interações e na troca de saberes entre pares. As crianças começaram a reconhecer letras, identificar sons e associá-los a nomes próprios, como “S” de Sofia e “A” de Ágatha, demonstrando avanços na consciência fonológica. Essa evolução reforça o papel do educador como mediador da aprendizagem, atuando na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) e proporcionando experiências que ampliam o potencial simbólico e linguístico das crianças.

Durante o período de análise, os resultados mostraram progressos significativos na coordenação motora fina, na percepção espacial e na elaboração de narrativas gráficas. O espaço pedagógico preparado — com papéis, lápis, pincéis e fichas de nomes — contribuiu para o desenvolvimento da autonomia, da exploração criativa e da independência das crianças em suas produções. As observações, registros diários e entrevistas com as docentes indicaram também o fortalecimento das práticas educativas dialógicas e o estímulo à escuta sensível, em consonância com os princípios da Educação Infantil contemporânea.



Por fim, a análise dos resultados confirma que o grafismo é um instrumento pedagógico essencial para o desenvolvimento infantil e deve ser valorizado como linguagem legítima e integradora das dimensões cognitivas, motoras e afetivas. Os dados empíricos, articulados às contribuições teóricas de Luquet, Piaget e Vygotsky, revelam que o desenho infantil constitui um processo de construção simbólica mediado pela interação e pela cultura. Portanto, cabe ao professor compreender as etapas do grafismo, planejar experiências significativas e promover um ambiente que reconheça o desenho como forma de expressão e de construção do conhecimento, fortalecendo o protagonismo e a identidade das crianças na creche.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo contribuiu de forma significativa para compreender a criança como um ser sensível, criativo e em constante construção simbólica, que, por meio das representações gráficas, expressa sentimentos, experiências, desejos e percepções sobre o mundo. O grafismo revelou-se uma poderosa linguagem infantil, pela qual a criança comunica ideias e significados, organizando o pensamento e elaborando sua compreensão da realidade. A creche, neste contexto, configurou-se como espaço privilegiado de experiências expressivas, permitindo que as crianças transformassem em imagens aquilo que vivenciam e imaginam, atribuindo novos sentidos às suas produções.

Os resultados da pesquisa evidenciaram que o desenho, quando inserido de maneira sistemática e intencional na rotina pedagógica, torna-se um instrumento de mediação entre o brincar, o pensar e o aprender. O ato de desenhar possibilita o desenvolvimento de habilidades preditoras da escrita, como a coordenação motora fina, a orientação espacial, o reconhecimento de formas e a consciência fonológica. Ao observar o traçado, a direção e o controle do movimento, nota-se o fortalecimento das bases motoras e perceptivas que mais tarde permitirão à criança dominar o gesto gráfico necessário para a escrita alfabética.

Do ponto de vista cognitivo, o grafismo contribui para o desenvolvimento da função simbólica, conforme apontado por Piaget (2010), ao permitir que a criança represente o mundo interno e externo por meio de signos visuais. Essa capacidade de simbolizar é essencial para o pensamento abstrato e para a aprendizagem da leitura e da

escrita, já que envolve a correspondência entre significantes e significados. Além disso, o desenho estimula a memória, a atenção, a organização mental e a capacidade de antecipar e planejar ações — competências fundamentais ao raciocínio lógico e à resolução de problemas.

No campo social e emocional, o desenho assume um papel igualmente relevante. Ele funciona como um canal de comunicação não verbal que possibilita à criança expressar emoções e conflitos internos, fortalecendo a autoestima e a autonomia. Conforme propõe Vygotsky (2007), o desenvolvimento ocorre em interação com o outro, e o grafismo, mediado pelas relações afetivas e pedagógicas, amplia as possibilidades de diálogo e cooperação entre as crianças e seus educadores. A dimensão motora também se mostrou amplamente beneficiada pelas práticas gráficas, pois as crianças aperfeiçoaram o controle dos movimentos finos das mãos, a coordenação olho-mão e a percepção espacial, competências que sustentam não apenas a escrita, mas também outras aprendizagens futuras, como o manejo de instrumentos e a expressão corporal. Esse aprimoramento motor, aliado ao avanço cognitivo e emocional, confirma que o grafismo é uma atividade completa e interdisciplinar, articulando diferentes dimensões do desenvolvimento infantil.

Além dos benefícios individuais, o estudo contribui para uma reflexão coletiva sobre a prática pedagógica. Ao reconhecer o desenho como linguagem legítima de expressão e aprendizagem, a escola amplia sua concepção de infância e fortalece o papel do educador como mediador do conhecimento. Compreender as fases do grafismo, conforme discutido por Luquet (1969) permite ao professor interpretar as produções infantis de forma mais sensível, valorizando os processos de construção e não apenas o produto final. Assim, o desenho deixa de ser uma atividade isolada e passa a integrar o currículo como eixo formador da criatividade, da linguagem e do letramento infantil.

Conclui-se, portanto, que o grafismo é um caminho natural e potente para o desenvolvimento integral da criança, envolvendo aspectos cognitivos, motores, linguísticos, afetivos e sociais. Sua prática sistematizada na rotina da creche potencializa o aprendizado e fortalece as habilidades preditoras da escrita, preparando o terreno para uma alfabetização mais significativa e prazerosa. Diante dessas constatações, defende-se a necessidade de continuidade das pesquisas sobre o tema e da ampliação de formações docentes voltadas à valorização do desenho infantil como



instrumento de mediação pedagógica e cultural, reafirmando seu papel essencial na constituição do sujeito e na promoção de uma educação infantil de qualidade.

A última parte do trabalho, também é considerada uma das mais importantes, tendo em vista que nesta sessão, deverão ser dedicados alguns apontamentos sobre as principais conclusões da pesquisa e prospecção da sua aplicação empírica para a comunidade científica. Também se abre a oportunidade de discussão sobre a necessidade de novas pesquisas no campo de atuação, bem como diálogos com as análises referidas ao longo do resumo.

## REFERÊNCIAS

LUQUET, Georges Henri. O desenho infantil. **Porto: Civilização**, 1969.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança: Imitação, Jogo e Sonho imagem e Representação. 4. **Ed. LTC**, 2010.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. 7. ed. São Paulo: **Martins Fontes**, 2007.